

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMANARIO REPUBLICANO

N.º 30 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. de FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 18 de Setembro de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

BARRISMO

Por muitas vezes eu tenho ouvido em Guimarães falar dos seus *Barristas*, sem que contudo eu veja bem demonstrada a existência de *bairrismo*.

O *Bairrista* é em toda a parte um cultor apaixonado das belezas da sua terra, um trabalhador incansável para o seu desenvolvimento, um propagandista tenaz dos seus merecimentos, um amigo fiel em todos os melhoramentos que empreenda.

Ora, se bem me parece, Guimarães, que possui todos os requisitos para ser um bom centro de turismo, como hoje sói dizer-se tem:

Um castelo historico onde D. Afonso Henriques foi cercado por espanhois porque lá dentro se estava talhando a nacionalidade portuguesa; um monte soberbo, a Penha, abandonado, quasi, á sua beleza própria; a S. cidade de M. Sarmiento, rica como museu de antiguidades romanas; as termas de Vizela e Taipas; as ruínas dos Paços dos Duques de Bragança; e por fim esse vale soberbo do Selho que faz de Creixomil um tapete bordado a esmeraldas em que a cidade orgulhosa e fidalga encosta os pés.

Mas... o castelo está para ali só, triste, sem uma rua de acesso. Pensaram em ali construir um parque, ruas, avenidas e tudo ficou em pensamento; a Penha está quasi como a natureza a fez, sem um hotel capaz; a S. cidade de Martins Sarmiento está ainda como a deixou o seu fundador, sem recursos sequer pa-

ra construir uma casa forte para a guarda do Tesouro; Vizela e Taipas vão progredindo por iniciativa própria, mas em virtude do que leis modernas, como a do Turismo, lhe facultam; as ruínas dos Braganças estão para ali ao abandono esperando uma tempestade que acabe de as arrazar; a veiga de Creixomil, de paisagem tão rica e tão bela, tem como pórtico de entrada aquele ribeiro nauseante do Matadouro.

Estando tudo assim, onde está o *bairrismo*? E sem *bairrismo*, onde estão esses tão apregoados *bairristas*?

Bairristas seriam aqueles que, dispondo de fortunas, empregassem o superfluo na constituição de empresas que teriam lucros á certa.

Guimarães não tem um Hotel em condições, dizem, e necessario se torna construir um. Porque não se faz? Não tem um teatro razoavel e cómodo. Porque não se construe um teatro em termos, á semelhança dos de muitas terras pequenas, e que bem compensam o capital empregado?

Porque não tem a Penha um Elevador? Porque não se acaba o belo edificio da Sociedade Martins Sarmiento?

Enfim, porque não se juntam todos os vimaranenses de boa vontade e de dinheiro e não elevam a sua terra á altura em que ela devia estar? Se ãe há tanto dinheiro! Continuaremos.

Lêdecé.

O dinheiro da Beneficencia e os tais canos

Diz-se que o snr. Delegado do Governo distribuiu só por uma casa de Caridade uma quantia X destinada á Beneficencia e que o resto serviu para comprar uns canos lá para a sua terra.

Admira-nos que assim tenha acontecido e que S. Ex.ª desconheça tambem as outras casas de Caridade.

—E para quê, comprar com esse dinheiro os tais canos?

Talvez para servirem de despejo ás *fichas* das conhecidas casas de recreio... (?) ou para interesse próprio.

Isso é lá com os cabos.

Extinção de cães vadios

Frequentes vezes temos presenciado o bárbaro processo de envenenamento empregado para a extinção dos cães e que, no geral, serve de gaudío aos garotos e demais pessoas para quem a ignorancia é ponto assente.

Lamentamos que esta ordem dimanada da gente que actualmente se encontra á frente do Municipio e que tam depressa se esquecessem do que ordena a portaria n.º 3512, de 22 de Março de 1923, publicada no «Diário do Governo» da mesma data.

Contudo, nada nos custa lembrar.

Ela aí vai, para que tais espectáculos se não repitam:

Ainda o jôgo e o ladrar dos cães

Falando claro

Nunca pactuamos com aquella horda de cafres que, deturpando a essencia das leis, se banqueteia com as Autoridades e com os videirinhos para servir o seu próprio interesse;

Muito menos nos baixamos á vigarice e á politica de intrigas para conseguirmos a vida do nosso jornal ou para, de conformidade com os interesses de necessitados, transgirmos no que diz respeito a socorrer as Beneficencias;

Não fazemos parte da companhia de saltimbancos que, por dar o voto a um partido, se julga no direito de coarctar todas as boas iniciativas ou pretende ser régulo de um povo;

Nem, pelo terror ou pela infamia, curvaremos a fronte á pulha algum que tem por apanágio a bisbilhotice e por idealismo uma moeda falsificada que deixa transparecer ódio, traição, roubo e estúpida tirania.

Moralizar, eis a verdade que nos guiou! E esmagando os cães e calcando os hypocritas — filhos dos vadios — deliberamos por as coisas nos seus devidos lugares, embora tivéssemos de chicotear os imbecis e de zurzir os corrutos pançudos do egoismo.

Moralizar foi a nossa divisa, o código que a nós próprios impuzemos.

E não é um parvo qualquer — mistura de corda e barrete frigio — um imbecil capaz de dar a sua adesão a uma nova Trautlnia a trôco dos galões de alferes, que nos atinge em soltar guinchos como este:

«A Razão» não fala mais no jôgo porque tambem comeu...»

Enganaste-te, sapo-arranjista. A fala que ousaste proferir atirou contigo para essa fenomenal collecção de salteadores — assombroso aborto! — e rasgou

o véu que desde 910 te encobre!

Embebeste a porvoice na intriga, a bô-a mentiu, e se coragem tivesses, fixavas de novo o dito espirituoso e vinhas revelá-lo até junto de nós.

Mas nada de tibezas. Consegue testemunhas e confirma que assim sucedeu.

Que trabalhos na sombra, hem o sabemos. Mas de nada te valerá o cargo de ajudante do sobalo ou mesmo a protecção da Autoridade.

Tu o sabes. E demais a mais é costume dizer-se: «ou comem todos ou haja moralidade».

Filosofia de sapateiro, melhor não pode ser aplicada.

Ou comem todos, ouviste? E neste caso, todos comeram á excepção nossa, que presamos ainda a honra.

— Protecção?! A autoridade, como politica, tambem saba subornar quem lhe empata as vazas; diz-se que joga nos 00 para dar melhor cumprimento á lei.

Protecção?! Todos sabem que «o monte» te alimenta e a «roleta» te torna conhecido. Irmão gêmeo dos batoteiros, vampiro de gravata e cartola, és mestre como eles na arte do *ilusionismo e das magias*.

Roubas á vista de todos. Subornas e convences.

O que por cá não há, são imposições a espiritos fracos para assinar letras á sua responsabilidade.

Nunca pedimos um centavo para sustento do jornal.

E caso duvides, mostram-se documentos e com a condição de apanhar com eles em plena cara.

Convém? Até ao próximo número.

L. Coelho.

Associação de Beneficencia das Caldas de Vizela

Por intermédio do nosso particular amigo e assinante, snr. Dr. Manuel Pereira Caldas, recebemos a cópia dos Estatutos da Associação de Beneficencia das Caldas de Vizela, que terá por fim fundar um Asilo de Mendicidade para recolher os pobres de ambos os sexos, naturais daquela povoação ou que nela residam há 12 meses, podendo tambem ser admitidos, em casos excepcionais, os pobres que sejam naturais das Freguesias circunvisinhas.

— Bela iniciativa, é consolador ver como há quem cuide ainda dos pobresinhos e demais a mais numa época em que o egoismo e a ganancia são a mola real. Portanto, felicitamos a Comissão na pessoa do snr. Dr. Manuel Pereira Caldas, e oxalá que a obra que vai emprender seja coroada do melhor exito.

ECOS

Viva la grátia!

Primo de Rivera conseguiu para a Espanha um santo viver.

Um mar de rosas tudo aquilo, Marrocos... Abd-el-Krim... rife-nhos...

Viva la grátia, viva la grátia! A partida do Directorio, a nota officiosa a dizer que vão evincar... com honra, ou seja... sem pargante... Viva la grátia, ustodos!...

→→→

«Gil Vicente»

Canto de cisne?! Coitadinho do petiz! Agora que estava a interessar, desaparece temporariamente!

Que pena! Choraí, integralistas, choraí... porque se o dissostes, não mais o direi...

→→→

A questão da pesca

Continua interessando a valer o povo português a questão da pesca.

Não sabemos o resultado da conferencia. A avaliar pelo «delegado» a quem foi apreendida aquella traineira, o problema está resolvido...

«Machos duros, machos duros!!! «Antoneros», deve-se dizer... De carriabo virão eles para cá...

→→→

Que seria?

Quasi manhã cedo, ali no café do Arlindo, abanecavam três pontífices monarchicos da terra com alguém de fora que naturalmente é da grei. O nosso unico Tomás, o nosso rico Tomásinho, tinha cara de caso e ao mesmo tempo de satisfação.

Um futuro ex-alferes, aspecto de filosofo, ouvia imperturbavel. Pensativo, como quem faz contas a uma multa (que sanidade de passados tempos!) estava o outro. Este falava pelos cotovelos, muito esfugico. Que seria? Seria alguma conversa onde se tratasse de conseguir trabalho para o Tomás, há tanto tempo desempregado? Seria alguma conspiração? Mistério.

Mas para que diabo deixaria o Tomásinho os ares de Briteiros, as uvas, o rico descanso tão preciso para quem tanto trabalha?

Nada; aqui anda coisa.

→→→

Não é para admirar

Em um dos seus últimos números queixa-se «O Lusitano», nosso illustro colega, de certos cavalheiros que, uma vez maguados por qualquer referencin acertada do jornal, mostram o seu desagrado devolvendo-o, como se nisso estivesse a sua melhor defeza. Simul dos tempos, colega; por cá tambem abunda quem do brio tenha tão grosseira noção.

BREVEMENTE:

Reaparecimento da secção «Será possível?!».

Desvendar-se há toda a falcatrua que andar envolvida em mistério.

Lêr para crêr.

Lêde e propagai

“A RAZÃO,”

Semanário republicano.

Hino oficial

Em o «Ecos», de 14 de Setembro, o sr. A. C. C. publicou um artigo subordinado á epigrafe «Raio de Sol» e afirma que, «á falta do hino oficial», devemos entoar todos uma cantiga aos Aviadores que se assemelhe a um hino de glória.

Esperto de verdade, S. Ex.^a demonstra ter apuradíssimo o aparelho auricular ou possuir um destes aparelhos modernos que deixam ouvir ao longe o... que se quizer.

Desconhece o hino oficial e termina por dar vivas á «Pátria livre» (!) numa ar-nco de eloquencia tal que, francamente, julgamo-nos em frente de qual quer communi-ta preso ou de... um monarchico vencedor.

Forte em o manejar da pena, forte nos parece ser em o abrir das gnelas.

O peor é se alguma moseca o engasga...

—Então V. Ex.^a desejava «o viva o rei acompanhado de pratos, caixa e bombo?»

Foi elle — coitado do moço! — expôr a vida nos vãos gloriosos empreendidos até Macau ou mesmo até ao Rio de Janeiro para que se lhe cantasse o tal do «viva o rei?»

Isso sabemos nós que o rei era quem abichava com a glória...

E mais tarde a Historia, em arrancadas de génio, diria ás diferentes gerações de então:

—D. Manuel II, o Voador, mais afortunado que o I.^o, não se quiz servir do mar para descobrir... larguezas de vistas, e com o espanto das cinco partes do mundo, voou através do Atlantico, através das Africa e das Indias e, batendo-se com os esquimós e com os... integralistas, foi colocar o pendão de Portugal no planeta Marte que, nessa data, já galopava em direcção á Terra.

Tachim, tachim... e...

Viva o rei e viva a rainha,
Viva a Família Real;
Viva a Santa Religião,
Os jesuitas de Portugal!...

Tachim, tachim...

E o povo que praticava tam gloriosos feitos, minguado de pão, ordenaria a um amigo seu que lhe fôsse e nseguir algumas esmolas para o compiar e não morrer de fome...

Infeliz A. C. C., pobre camões de dois olhos e escriba de triste figura!...

Como a pegenha e a parvoíce te tomaram o juízo — a melhor confirmação de distinctissimo jornalista que é, homem de bem como os que mais o são e illustre fidalgo da estirpe... tomásica!

Instrução Primária

Por terem completado 5, 10, 15 e 20 anos de serviço bom e effectivo, vão ser concedidas diuturnidades aos seguintes professores:

Concelho de Fafe — D. Ana Ribeiro da Cunha, de Arnozela; Augusto Fernandes de Castro, de Arões; Custódio da Cunha Leite de Castro, de Queimada; David Antonino Ferreira, da sede, e D. Adelaide Augusta da Silva, de Revelho.

Concelho de Guimarães — D. Virginia Perelra Mendes Martins, das Taipas; D. Margarida Afonso Lopes, de Gonça; D. Aida Teixeira Nunes de Sousa, da sede; Arélio da Silva Mendes e D. Raquel de Jesus Quirós Siavedra, de Vizela; D. Cristina Teixeira de Sousa, do Póvilho; D. Beatriz de Jesus Pires da Viga, de Azurem; D. Maria Emília da Costa, de Britões, Santo Estevão; D. Anrona dos Prazeres Freitas Guimarães, de

Fermentões, e D. Idalina Idalina Alves, de Silveiras.

—No próximo dia 1 de Outubro abre a matricula em todas as escolas do País, e, por isso, também nas antigas escolas centrais de Santa Luzia. E' seu actual director o sr. P.^o Alfredo Correia, por haver pedido a exoneração o sr. Almeida, que durante cêrca de dez anos exerceu aquele cargo. A matricula é gratuita, e o ensino é ministrado segundo os modernos preceitos pedagógicos. A escola publica da cidade, pela sua instalação, pelo seu mobiliário, pelos processos de ensino e divisão de classes, com recreios, cantina e Caixa Escolar, é uma escola modelo. Não há melhor em Lisboa ou Porto. Tem oito professores competentes e dedicados pela sua profissão. São elles: P.^o Alfredo Correia, Augusto Montês, Joaquim de Almeida, D. Luisa Miranda, D. Aida Sousa, D. Laura Machado, D. Maria da Natividade Simões e D. Maria da Silva e Sá.

No ano lectivo findo matricularam-se 400 alunos de ambos os sexos. Os trabalhos próprios do sexo feminino são objecto dos maiores cuidados, sendo-lhes dedicadas 4 horas semanais, 2 ás quartas feiras e 2 aos sábados. Reunem-se todas as meninas no salão de labores e cada professora ensina a todas a parte que por accordo lhe está distribuída: D. Aida — rendas e outros trabalhos de agulha; D. Laura — primeiros pontos de meia; D. Luisa — trabalhos de costura; D. Natividade — bordados, e D. Maria Sá — meias, continuação. Quando falta alguma professora, qualquer das outras toma conta das respectivas alunas.

E' digno de ver-se o museu escolar, instalado num aniplo salão.

Leiam! Leiam!...

Aquilo ali, pelo país visinho, vai de vento em pópal...

Agora são os bispos, os professores, os generais, os artistas e os politicos a atirarem-se ao illustre Marquês d'Estella como nunca S. Tiago se atirou aos mouros.

Um bocadinho só para que apreciem:

«que jamais em nação alguma se deu o estupendo paradoxo de ser um exercito derrotado, uma milicia desacreditada e prestes a ser chamada a responder perante o Supremo Tribunal da Nação por corruções, descaminhos e cobardias, quem, escarnecendo o país, se levantou em armas contra o govêrno e o Parlamento que esses actos estavam apreciando. Creem os signatarios chegada a hora de convidar o povo espanhol a um movimento insurreccional contra o actual regimen anacionico e desprezível que recorda os dias tenebrosos de Fernando VII e coloca os espanhóis em situação pouco privilegiada perante o mundo».

E para terminar:

«Pugnamos, portanto, por uma revolução que termine com este absurdo regimen militar e até com a dinastia, á qual não podemos continuar, em nome da civilização, a entregar os nossos destinos históricos».

Porque não pede o «Ecos» ao sr. Vasco Tovar para de novo apreciar os raros benefícios, já colhidos, da acção do Ditador e pistolero?

Agora se vê como a mentir é que se leva a vida...

Guimarães... civilisada

(CRÓNICA SEMANAL)

Talvez prevendo a aproximação de Marte e preparado já para se encorporar no número dos desaparecidos dessa terrível catástrofe—com todos os sacramentos, é elaro—o autor desta crónica tinha resolvido dar-lhe também morte cruenta, tal e qual a que elle próprio idealisára num estoicismo invulgar.

Chegou o terrível dia. As horas galopavam vertiginosamente, quais águas correndo das minas da Penha para o depósito distribuidor que se ergue lá para os lados da Cadeia Nova. Como em noites de limpeza das ruas, a respiração suspensa (catalepsia forçada) faria adivinhar o terror do pânico, os terramotos terríveis, os formidáveis estampidos, os vendavais, as inundações, o soffrimento, a morte e o sinistro cataclismo, apesar de desconhecido ainda o ovo Noé. A própria atmosfera se apresentara carregada, receosa de não poder conter o baque que teria de aguentar com o choque daquelles dois monstros.

Maldizendo Deus, Araduca, imitando Michelet, vociferava: «morra quem deva morrer».

Em consciencia, perdoados os pecados, perguntava porque se levantaram tantas cruces, tantas igrejas e... tantas capelinhas (!)?

Remido da preguica, quando novas energias e decisões havia conquistado, naquele engano de paz antiga, era seu viver o cumprir com os preceitos da Igreja, resando Te-Deums, j uando e comungando, de bem com a Providencia e de mal com Satanaz, ouvindo missas e sermões, comendo bacalhau e carne com bula.

Nem mais nem menos a salvação da alma, porque a morte era certa.

Em som plangente caem as vinte e quatro. Feito o sinal da cruz e architectada uma fga—para livrar da tentação — o sono chega com a Fé.

Findas as sete horas do estilo, quando já me julgavam dentro de um caixão, as mãos fechadas e os braços cruzados como que a despedir-me deste mundo, suavemente abro as pálpebras e sinto-me vivinho como sardinha fresca em canastra. Dirijo-me com ligeirêsa á janela e, uma vez abertas as portas, espreiro através dos vidros o exterior e com grande espanto vejo Guimarães na mesma — illusão que infelizmente era uma realidade!

E como me julgasse já o tal da Barca, passado o susto, cá me encontro para defender a terra e salientar todas as suas belezas.

ARADUCA.

Pedido de casamento

Para o sr. Tenente Domingos José Vieira de Andrade, há pouco chegado da Africa, foi pedida em casamento pelo Ex.^{mo} Sr. Joaquim Ferreira Pedras, tenente do R. I. n.º 20, a menina D. Beatriz da Costa Ribeiro, gentil filha da Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura da Luz da Costa Alves e irmã do nosso presado amigo Antonio Ribeiro.

«Diario de Noticias»,

Visita

Recebemo la do Ex.^{mo} Sr. Julio de Almeida Cayola, dignissimo redactor do «Diario de Noticias», da cidade de Lisboa, que propositadamente veio a Guimarães colher dados para organização de uma página regional.

RIDENDO...

—Então esse Ridendo faleceu?

—Quando é que você se resolve?

—Apre! Não seja madraço!...

Três perguntas distintas e todas elas verdadeiras com que teem mimoseado cá o «Lêdecê», tão amado e querido de certos escuritadores do «Gil», (temporariamente falecido), do «Equus», (eternamente o da patada), e «Comercio», (o ingenuo, inocente e nada dado a controversias).

Responde-se:

Primo (-em ser de Riveria): o Ridendo foi para as praias e á custa da dinheirama que o jornal tem dado ao autor;

Secundo: estou resolvido a continuar pois S. Ex.^a está a chegar e fresquinho como uma alface galega;

Tercio: não sou madraço e tanto que ainda hei-de concorrer para conseguir trabalho para o nosso Tomás.

Por isso, quer este, quer o A. C. C. e companhia, não teem que se relar. O Ridendo virá depressa e sempre a tempo.

Lêdecê.

Notas intimas

— Encontra-se de luto pelo falecimento de seu tio, revd.^o Jerônimo d'Almeida, os nossos particulares amigos e correligionarios, Drs. Eduardo d'Almeida e João d'Almeida.

— Já regressou da Povia de Varzim o nosso estimado camarada de redacção, Tenente José Vieira Campos de Carvalho.

— Com sua Ex.^{ma} Esposa, está entre nós, o presado amigo e correligionario, Dr. Alvaro de Lemos de Magalhães, de Vieira do Minho.

EULALIA COUTO

Parteira diplomada pela Faculdade de Medicina do Porto

Consultas (diagnosticos de gravides)

Rua 31 de Janeiro, 111
Guimarães

DECLARAÇÃO

O abaixo assinado declara para os devidos efeitos que se não responsabilisa por qualquer dicida contrai-da em seu nome, sem que por elle seja pedida verbal, ou por escrito do seu punho, ou de qualquer forma contrai-da que seja.

Guimarães, 3 de Setembro de 1924.

João Alves Pimenta.

Casa Penhorista
Vimaranense

FUNDADA EM 1880

Mudou o seu estabelecimento da Rua da Republica para a Rua Gravador Molarinho, n.º 6 a 12, onde continua a efectuar todas as transacções sobre valores de ouro, prata, joias e papeis de crédito.

V. Ex.^a precisa comprar um serviço para jantar, chá ou lavatório?...

RECOMENDA-SE A

Antiga Louçaria Rezende

DE

Manuel R. Ferreira da Costa

Rua da Assunção, 38 — PORTO.

Desconto aos Revendedores.

LANIFICIOS & MIUDEZAS

Matos, Teixeira & C.^a

86, Praça D. Afonso Henriques, 88 — Guimarães

«A Razão»,

Semanário Republicano

Ex.^{mo} Sr.